

Centro de Estudos Baianos

CLÁUDIO VEIGA

UM RETRATO DA
BAHIA EM 1904

O PAPÃO

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

124

CLÁUDIO VEIGA

UM RETRATO DA
BAHIA EM 1904

O PAPAÃO



REPRODUÇÃO: Rua Chile 22, 1.º andar.

NUMERO AVULSO 300 r

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé Salvador - Bahia - 40.600

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

1986

Professor GERMANO TABACOF
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO
Vice-Reitora da UFBA.

Professor FERNANDO DA ROCHA PERES
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.

Veiga, Cláudio de Andrade.

Um retrato da Bahia em 1904 : O Papão / Cláudio de Andrade
Veiga ; apresentação de Fernando da Rocha Peres. - Salvador :
Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.

40 p. : 15x21,5 cm. - (Universidade Federal da Bahia. Centro de
Estudos Baianos, Publicação ; 124).

1. O Papão. 2. Periódico - Cultura. 3. Imprensa - Bahia - História.
I. Título. II. Série. Ilust.

CDU - 008 (814.2)
07 (814.2)

(Preparada pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
ALGUMAS PALAVRAS.	7
Cap. I - NO ALVORECER DO SÉCULO	11
Cap. II - UM OGRE JOVIAL.	15
Cap. III - A FEIÇÃO DA REVISTA.	19
Cap. IV - ALGUNS EPISÓDIOS	29
1. Posição política	
2. Dissensões franciscanas	
3. Venturas e desventuras da colônia italiana	
4. Entre Pethion de Villar e Sílio Boccanera	
CONCLUSÃO.	37

APRESENTAÇÃO

Simões Filho:
uma legenda do jornalismo na Bahia.

Ardia-lhe o temperamento explosivo,
de homem de ação... (Pedro Calmon)

A Universidade Federal da Bahia, através do seu Centro de Estudos Baianos, não poderia estar ausente das comemorações do centenário de nascimento do Dr. Ernesto Simões Filho (1886-1986), jornalista militante e homem público que teve vigência e presença marcante na vida cultural e política da Bahia e da cidade do Salvador.

Inquieto desde a juventude o Dr. Simões Filho vai fundar uma revista — O PAPÃO — no ano de 1904, que é agora objeto de uma monografia escrita pelo Prof. Claudio Veiga, e editada pela Universidade na gestão do Reitor Germano Tabacof.

A trajetória do Dr. Simões Filho vai continuar a desenhar-se em carreira brilhante, logo após a fundação do jornal A TARDE, em 1912, cuja permanência e importância, como veículo de comunicação, pode ser avaliada pelos baianos desde aquela data até o presente.

Do jornalismo para a política — com célebres campanhas encetadas pelo seu jornal

A TARDE — transitou Dr. Simões Filho, com o seu prestígio, ao cumprir mandato no legislativo — Câmara Federal — e no executivo como Ministro da Educação e Saúde.

A sua figura humana de lord inglês, elegante, impositiva e bem educada, percorria a redação de A TARDE, já na Praça Castro Alves, orientando os jornalistas da casa para os assuntos políticos que seriam abordados na edição vespertina do jornal de maior circulação e influência na Bahia.

Foi em ocasião assim, furtivamente, que vi e conheci, pela primeira vez, pessoalmente, em 1955, o Dr. Simões Filho, figura legendária da imprensa baiana. Eu levava, com dezenove anos, na oportunidade, um poema para publicar no seu jornal, pois somente A TARDE, em seu suplemento literário, dava status de poeta aos iniciantes.

Era uma manhã de verão baiano e o Dr. Simões, cabelos e cavanhaque brancos, óculos leve de armação redonda, estava de calça listrada, cinza clara, camisa branca e suspensórios, gravata sóbria, sentado e escrevendo em uma sala austera, de móveis escuros, com o cheiro de um bom charuto cachoeirano e com o sol incidindo sobre a folha de papel candente de mais um editorial em defesa da Bahia.

Salvador, 23 de setembro de 1986.

FERNANDO DA ROCHA PERES

Diretor do Centro de Estudos Baianos

ALGUMAS PALAVRAS

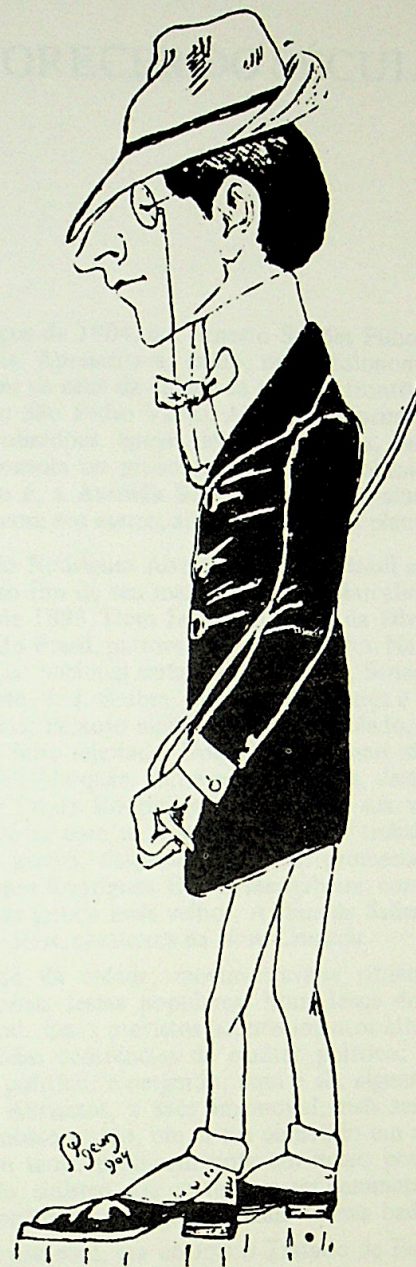
Ao folhearmos a revista — *O Papão*, fundada e dirigida por Ernesto Simões Filho, surge aos nossos olhos uma imagem da Bahia de outros tempos. A evocação não chega a ser um filme, mas uma fotografia, um instantâneo. A revista não foi muito além do trigésimo número e somente os seis primeiros foram publicados sob a responsabilidade do futuro fundador de *A Tarde*. Essa meia dúzia, toda aparecida em 1904, veio a lume na seguinte ordem: 23 de janeiro, 6 e 24 de fevereiro, 9 e 24 de março e 7 de abril.

Nessas reminiscências que se prendem às seis primeiras aparições do *Papão*, entrarão elementos extraídos dos seguintes jornais que, na época, eram publicados na cidade: *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia*, *Jornal de Notícias*. *O Papão* foi uma alegre inovação em meio de tão sisuda companhia.



ABREVIATURAS

- P *O Papão*
- DN *Diário de Notícias*
- DB *Diário da Bahia*
- JN *Jornal de Notícias*



Simões Filho – O Papão nº 1

CAPÍTULO I

NO ALVORECER DO SÉCULO

Nos começos de 1904, era Ernesto Simões Filho um jovem com 18 anos incompletos. Apresentava, então, outra fisionomia a capital baiana. Ainda recortavam os céus da cidade as torres e frontões de vários templos já desaparecidos: São Pedro Velho, Ajuda, a Sé primitiva. Ainda estavam de pé solares, sobradões, igrejas de que, às vezes, nem resta a memória e de que nos consola ou preocupa o que nos sobrou. A nossa Avenida Rio Branco, isto é, a Avenida Sete de Setembro, ainda não fora rasgada e o novo porto, com seu aterro, ainda não saíra da planta.

Era quando Rodrigues Alves governava o Brasil e, na Bahia, Severino Vieira chegava ao fim de seu mandato e José Marcelino ia começar o seu quadriênio. Desde 1893, Dom Jerônimo Tomé da Silva, Metropolitano da Bahia e Primaz do Brasil, pastoreava o seu rebanho. Na política, os baianos de maior projeção nacional seriam Rui Barbosa, Senador da República e, em plena ascensão, J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Nas Letras, Afrânio Peixoto ainda não havia decolado, já que a *Rosa Mística* (1900) é um filho rejeitado. Nosso escritor mais representativo seria o romancista Xavier Marques. Entre nossos poetas, destacava-se Pethion de Villar. O pintor Lopes Rodrigues já voltara de sua viagem de estudos à Europa, impondo-se com uma exposição de 87 trabalhos, no Teatro São João. Entre os jovens, despontavam várias promessas: Presciliano Silva, discípulo de Lopes Rodrigues, Otávio Mangabeira, com a mesma idade que Simões Filho; um pouco mais velhos, Arthur de Salles, Durval de Moraes, Kilkerry, Álvaro Reis, cavaleiros da *Nova Cruzada*.

No cenário da cidade, movimentava-se ritualmente a população com as tradicionais festas populares: Bom Jesus dos Navegantes, Reis, Bonfim, Carnaval. Esses previstos acontecimentos alternavam com fortuitas ou inesperadas ocorrências de caráter político, religioso, artístico, climatérico ou político, emergindo, aqui e ali, alguns fatos como a visita do duque dos Abruzzos, a seca imemorial, mas sempre surpreendente, que assolava o nosso sertão, um crime cometido em alto mar e que vinha desembarcar um tanto passionadamente em nosso porto, um pavoroso incêndio no Julião, sinistro que costumava ser denunciado por 30 badaladas frenéticas e, conforme a freguesia, mais outras badaladas compassadas.

Na esfera nacional, era notícia o Tratado de Petrópolis que encerrava a pendência do Território do Acre. Do que acontecia no exterior, reper-

cutiam a anunciada exposição internacional em São Luis, USA, a guerra do Japão com a Rússia, lances desse conflito, como a ação de Togo contra a esquadra russa em Porto-Artur.

Hibernavam o Teatro São João e o Politeama. No entanto, no "café-concerto" *Lucônia Halle*, Largo do Teatro, podiam os espectadores ver, individualmente, no óculo de uma "câmara obscura", uma série de fotografias animadas.

No interior do Estado pululavam revistas e jornais: *O Paládio*, em Santo Antônio de Jesus; *A Ordem*, *Cachoeira*, *O Colibri*, em Cachoeira; *O Oriente*, em Lençóis; *A Gazeta de Ilhéus*, *A Luta*, em Ilhéus; *O Itabuna*, em Tabocas; *O Monitor do Sul*, em Canavieiras; *A Tribuna*, *Arenópolis*, em Areia; *A Pátria*, em São Félix; *O Atleta*, em Bonfim; *O Jornal de Amargosa*, *Evolução*, em Amargosa; *O Tempo*, em Alagoinhas.

Na capital eram publicadas várias revistas como *Ad Lucem*, *O Arrabalde*, do distrito da Penha, *A Verdade*, *Nova Revista*, *Nova Cruzada*, órgão de importante movimento de nossa vida cultural, *Revista do Grêmio Literário*, órgão de uma entidade que, atuando desde o tempo de Castro Alves, se extinguiu neste século, na década de 40.

Destacavam-se os seguintes periódicos: o *Jornal de Notícias*, "a folha de maior circulação no Estado", de propriedade de Aloísio de Carvalho; o *Diário da Bahia*, órgão de Severino Vieira; o *Diário de Notícias*, cujo redator-chefe era Virgílio de Lemos; *A Bahia*, a que pertenciam Almáquio Diniz, Alfredo Cabussu e Pacheco de Melo.

Dois dias antes da inauguração do *Papão*, noticiando a imprensa local o falecimento de Hipólito Marinoni, diretor do *Petit-Journal* de Paris e inventor das prodigiosas máquinas rotativas de impressão, transcreveu-se uma crônica da autoria de Olavo Bilac, poeta e jornalista, na qual, entre outras, se achavam estas linhas:

Somente nós, os trabalhadores da imprensa, habituados ao cheiro forte da tinta e ao ron-ron contínuo das máquinas de impressão, vivendo de dia e de noite em contacto com os operários que imprimem o que pensamos e dão corpo às nossas idéias — somente nós podemos avaliar e compreender meridianamente, na sua justa medida, a grandeza do que inventou e criou esse Marinoni, ontem falecido em Paris.

.....
O jornal, para preencher a sua missão, tem de ser ideado, escrito, composto, impresso e distribuído em minutos: é um alimento que tem de ser servido quente; é um organismo vivo que, por ter apenas alguns minutos de vida, não pode perder um só desses minutos em demoras inúteis (DB, 21/01/904).

Essas linhas calaram certamente no jovem Simões Filho que "era uma autêntica vocação de jornalista" (Jorge Calmon).

Expediente

Redacção d'O *Papão*

Rua dos Droguistas n. 38, 3.º andar

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

6 mezes..... 2\$000

FORA DA CAPITAL E NOS ESTADOS

6 mezes..... 3\$000

Quer na parte artistica, quer na litteraria é franca a collaboração nesta revista, sendo publica a a juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida com o seguinte adresse: A' redacção d'O *Papão*, rua dos Droguistas n. 38 3.º andar.

CAPÍTULO II

UM OGRE JOVIAL

Na longa e bem sucedida trajetória jornalística de Simões Filho, constituiu uma etapa instrutiva a revista *O Papão*, em cujas páginas se acomodavam humor, arte e literatura. Assustadoramente, abriu caminho ao *Papão* o jornalzinho *O Carrasco*, folha publicada em 1900 por um estudante de 14 anos, matriculado no Colégio S. José, famoso estabelecimento de João Florêncio Gomes. Militarará mais tarde Simões Filho, sob a orientação de Xavier Marques e Virgílio de Lemos, na *Gazeta do Povo*, jornal de que, muito jovem se tornaria proprietário. Em 15 de outubro de 1912, inaugurou o seu definitivo e vitorioso jornal — *A Tarde. O Papão*, que se intercala entre *O Carrasco* e, a *Gazeta do Povo*, teve, a começo, a sua redação na Rua Chile, 22, primeiro andar.

A começo denominada Rua Direita do Palácio, passou a chamar-se Rua Chile depois que, em 1903, visitou a Bahia uma simpática marujada chilena. Nela se instalando, teve *O Papão*, como vizinhos, conhecidos estabelecimentos: a *Fotografia Gonçalves*, a *Fotografia Artística*, o estabelecimento *Schleier*, que vendia instrumentos de música, *Pepe & Irmão*, casa de gêneros alimentícios, a *Sapataria Estrela*, de Júlio Carioli, *Ao Ideal*, especialista em perfumaria, a *Casa Sloper Irmão*, o atelier de modista de Elisa Torunillon, *O Bastidor de Bordar*, a *Casa Filatélica*, agência de jornais e revistas e figurinos nacionais e estrangeiros, que trocava, comprava e vendia selos, e possuía grande sortimento de cartas postais.

A inauguração do novo órgão foi orquestrada por uma série de anúncios publicados pela imprensa local. Nos dias 20 e 21 de janeiro, em matéria paga, avisava-se no *Jornal de Notícias* que, no sábado, isto é, dia 23, sairia *O Papão*. Dias antes, o mesmo periódico, em sua seção — *Letras e Livros*, dava a seguinte notícia:

O Papão — Informam-nos de que, na próxima semana, começará a ser publicada, nesta capital, uma revista artística, literária e crítica, denominada *O Papão* e redigida por hábeis penas (*JN*, 13/01/904).

No dia 22, o mesmo jornal, na mesma seção, volta ao assunto:

Deve aparecer amanhã *O Papão*, uma desopilante revista, ilustrada por valentes lápis, escrita por conhecidas

e festejadas penas. É de 24 páginas, formato e programa d'*O Malho*, do Rio, possui elementos para uma vida longa e próspera e será vendida à *parisienne* em carrinho *chic*, penetrando alegremente por toda a parte e conquistando vivas simpatias (JN, 22/01/904).

O *Diário da Bahia*, órgão do governo severinista, também anunciou o evento:

O Papão — Aparecerá brevemente nesta capital, sob o nome que titula estas linhas, uma revista artístico-humorística e literária, moldada nos mais aperfeiçoados espécimes desse gênero.

Dirigida por uma plêiade de novos e prometedores artistas, *O Papão* conta também com a colaboração literária do escol dos homens de letras da Bahia, prometendo ser muito interessante a sua seção musical, além de ser acessível a todas as bolsas.

Por estes dias serão afixados nos lugares mais públicos desta capital, sugestivos afixes, trabalho do operoso desenhista sr. Gabriel Godinho, as quais bem poderão dar idéia do fulgor que tão amestrados lápis darão à nova revista (DB, 14/01/904).

No dia da inauguração, o matutino *Diário de Notícias* fez a seguinte comunicação:

O Papão — Os srs. Mário I. da Silva e Carlos da Costa tiveram a delicadeza de nos convidar para assistirmos à inauguração dos trabalhos d'*O Papão*. A referida inauguração efetuar-se-á hoje, à tarde, no edifício em que trabalha a redação do novo órgão, à rua Chile, 22.

Agradecemos o delicado convite (DN, 23/01/904).

De como transcorreu a cerimônia, somos informados na segunda-feira seguinte:

O Papão — Em um meio como o nosso, onde o desânimo e a inércia estendem, por toda a parte, o seu lúgubre manto esfarrapado e sombrio, somente ela, — a mocidade gloriosa, de quando em vez, despreza as incumbências do futuro e, arrojada, não teme a dura travessia.

Pois bem, foi isso mesmo o que tivemos o ensejo de verificar no sábado último, quando, aquiescendo a delicado convite, fomos assistir à inauguração dos trabalhos desta revista cujo título é esse mesmo que se inscreve no alto destas colunas.

Cerca de duas horas da tarde, se reuniu na sede do novo órgão, à rua Chile, 22, grande número de rapazes, em sua maior parte alunos de nossas academias, e pessoas outras, quando um dos diretores convidou a um dos repre-

sentantes da imprensa ali presentes para proceder à inauguração da nova empresa.

Aceitando a honrosa incumbência, usou da palavra o representante deste diário que, agradecendo a alta e desmedida distinção dos seus novos, úteis, ilustres e gloriosos companheiros, tornou saliente o prestígio do passo que ali dava a cultura mental do nosso meio e, declarando inaugurado *O Papão*, fez votos para que os seus distintos fundadores encontrassem, na prosperidade e no progresso, a justa recompensa de seus nobres e patrióticos intuitos.

Em seguida, o Sr. Cosme de Farias, representante do *Jornal de Notícias*, saudou, em nome deste colega, o novo órgão.

A todos agradeceu um dos redatores da revista, em ligeiro improviso.

Serviu-se delicado copo d'água e *O Papão* começou a circular.

O seu primeiro número é variadíssimo. Traz música, produção de Mário Imbassahy, caricaturas, acompanhadas de chistosas críticas e um retrato do Dr. Freire Filho, ex-intendente deste Município.

A sua direção está confiada à atividade dos srs. Ernesto Simões e Mário Silva.

Ainda uma vez fazemos os mais ardentes votos pela felicidade do novo e espirituoso colega, desejando que ele sempre se apresente abundante e farto, como se fosse um... *papão* (DN, 25/01/904).

Além do *Diário de Notícias*, o *Jornal de Notícias* fez também o seu registro:

O Papão — Conforme estava anunciado, principiou, ante-ontem, a sua publicação, essa nova revista crítica, literária e humorística.

Accedendo ao gentil convite que nos foi feito pela sua direção, nos fizemos representar na festa com que aquele colega entendeu de solenizar a cerimônia da tiragem do primeiro número d'*O Papão*.

Efetivamente, às 2 horas da tarde, na sala da redação desse novo órgão de publicidade, à rua Chile, 22, 1º andar, reunidos diversos cavalheiros e representantes da imprensa diária, o acadêmico Mário Imbassahy, um dos redatores da nova revista, convidou um dos representantes da imprensa para presidir a cerimônia, recaindo essa incumbência, por delegação dos demais companheiros, no engenheiro Carlos Mangabeira, representante do *Diário de Notícias*, o qual proferiu breve discurso análogo ao ato, seguindo-se com a palavra o nosso companheiro de trabalho Cosme de Farias que, em nome do *Jornal de Notícias*, saudou o novo colega.

fazendo votos pela sua prosperidade na arena do jornalismo baiano.

Então usou a palavra o Sr. Ernesto Simões que, em nome da empresa *d'O Papão*, proferiu um discurso de agradecimento a todos os cavalheiros que se dignaram de comparecer àquela modesta festa, terminando com um viva à imprensa baiana e sendo muito aplaudido.

Em seguida, foram servidas taças de champagne, e por essa ocasião, distribuídos os primeiros números da referida revista, que consta de 24 páginas, cheias de engraçadas críticas, boas troças e bonitos versos.

Agradecendo o exemplar que nos foi enviado, fazemos votos pela prosperidade do novo colega, cuja direção está confiada aos inteligentes e estimáveis rapazes Mário Imbassahy e Ernesto Simões (JN, 25/01/904).

Constituem, na verdade, certidões de nascimento os noticiários sobre a inauguração, estampados nos dois importantes jornais. Mas, em suas linhas, pairam algumas dúvidas.

A primeira é devida, naturalmente a gracejo de confrades: que bebida foi oferecida no ato da inauguração? *Serviu-se um delicado copo d'água*, segundo registra o *Diário de Notícias*? Ou *foram servidas taças de champagne*, como assegura o *Jornal de Notícias*? A razão está com o jornal de Virgílio de Lemos, ou com a folha de Lulu Parola?

A outra dúvida se refere ao orador que, em nome do *Diário de Notícias*, saudou a nova revista. Segundo o *Jornal de Notícias*, teria sido "o engenheiro Carlos Mangabeira". Não haveria um equívoco nessa informação? Na verdade, entre os irmãos Mangabeiras, o engenheiro não era Carlos, que era farmacêutico, mas Otávio que, precisamente, militava no *Diário de Notícias*. Não teria sido Otávio Mangabeira quem aclamou os primeiros vagidos do *Papão*?

ART-NOUVEAU

TANGO

Introdução

1º. Manoel II. de Carvalho

Tango

O Papão nº 5

CAPÍTULO III

A FEIÇÃO DA REVISTA

Estavam à frente do *Papão* dois acadêmicos, Ernesto Simões Filho e Mário Imbassahy da Silva. Ver-se-á, sobretudo quando a revista passa a outras mãos, que o proprietário era Simões Filho.

Moços os diretores, também o eram os colaboradores, uma plêiade de *jovens e prometedores artistas*. Entre outros, Álvaro Reis (*Fabius*), Presciliano Silva (*Bailon*), Mário Bittencourt (*Amoir*), Durval de Moraes, Euricles de Matos, Argileu Silva, Filemon Menezes, Galdino de Castro. Jovem era também o poeta Lemos de Brito que, em breve, passará a pertencer à redação.

Querendo a revista homenagear a Rui Barbosa, que já era quinquagenário, além de exhibir-lhe um retrato, quando membro do governo provisório, lhe pôs ao lado um retrato de quando o grande baiano, recém-matriculado em Direito, não passava dos 16 anos. E publicou uma de suas poesias de mocidade — "(...) mimosíssimos versos. São melodiosas estrofes feitas aos vinte anos quando seu coração era um romeiro na *via láctea* do Amor. Os *cabelos dela* são delicadamente cantados nessas dedicadas estrofes" (P, n.º 4), entre as quais figuram estes versos:

Dantes o ondeado cabelo
Deixavas-me sempre vê-lo
Em longos anéis sombrios
Nos ombros teus a chover.
Pendia daqueles fios
Minha alma de amores presa;
E a vista, em volúpia acesa,
Não se cansava de ver.

.....
Primores do céu não tolhas:
As madeixas mais não colhas!
Sedução tão graciosa
Não na queiras tu perder!
Em moldura caprichosa
Deixa a coma deslumbrante,
Livre, airosa, flutuante,
Tuas faces envolver.

Naquele grupo de moços causou grande consternação o desaparecimento de outro moço, o poeta Francisco Mangabeira. Pesarosa, a revista noticia o passamento e estampa um retrato do companheiro. Da homenagem fúnebre prestada à sua memória foi feito este registro em que se manifesta alguma coisa de atmosfera poética do momento:

FRANCISCO MANGABEIRA

A religião do Amor e da Saudade salmodiou umas preces muito sinceras, muito expressivas à alma pura de Francisco Mangabeira, em o 30º dia de seu falecimento.

Celebraram-na uma plêiade de moços que cuidam das cousas de Arte nesta terra — os neocruzados.

Poetas e prosadores, cada qual rendeu em prosa e verso a sua homenagem, entoando, pela *Nova Cruzada* — a sociedade promotora da festa fúnebre, a oração oficial o Sr. Fernando Caldas.

Coube a presidência da solenidade ao Dr. Virgílio de Lemos, redator-chefe do *Diário de Notícias*.

Toda a imprensa se fez representar, inclusive *O Papão* pelo nosso colega Simões Filho.

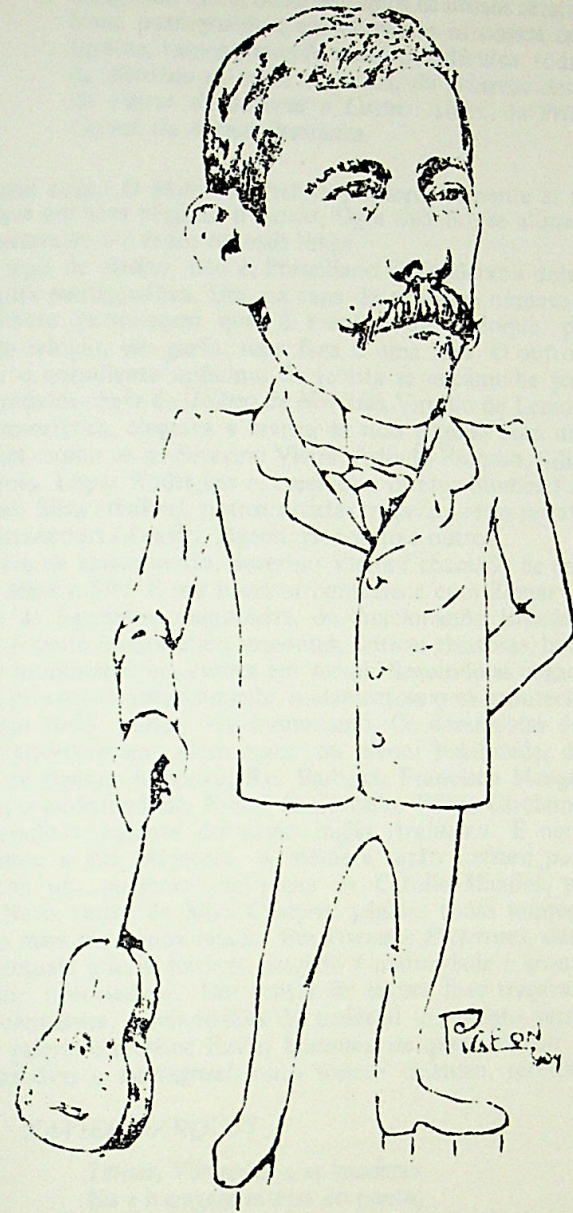
À família e aos amigos de Francisco Mangabeira renovamos os nossos votos de muita dor e saudade (P, n.º 4).

De quanto eram jovens os responsáveis pela revista, um pequeno fato no-lo mostra pitorescamente. Havendo uma casa de modas oferecido ao pessoal da redação fixadores de bigodes, ficou sem utilização o mimo, já que eram imberbes os pró-homens do *Papão*. Daí esta excusa que acompanha os agradecimentos:

Sentimos bastante não haver aqui quem tenha bigodes, em todo caso, logo que o nosso se desenvolva, usá-lo-emos (P, n.º 1).

A mocidade que imperava em *O Papão* nos explica a definição que, no número 2, um dos colaboradores, *Fritz*, nos oferece para caracterizar os redatores da revista — “plumíferos do mimoso ninho da rua Chile”. Parece que o *Fritz* era um tanto mais idoso que os demais colaboradores. Havia, sem dúvida, lugar para companheiros mais velhos. Assim, a seção que avaliava a qualidade das poesias remetidas para publicação deveria estar aos cuidados de um calejado versificador. Haveria alguma coisa de Pethion de Villar nos versos humorísticos da *Adorada Francisquinha?* (P, n.º 3).

Segundo o noticiário dos jornais e confissão da própria revista, serviu-lhe de modelo *O Malho*, popular hebdomadário humorístico que, há três anos, vinha sendo publicado na Capital Federal. Com efeito, o *Jornal de Notícias* havia anunciado que o *Papão* deveria ter o formato e o programa daquela revista. E, em seu número inaugural, declarou o *Papão*:



Lulu Parola — O Papão n.º 3

E enquanto nosso mestre e irmão mais velho *O Malho* vai rindo e malhando em todas as bigornas, nós, desta formosa Rua Chile, onde sentamos os nossos arraias, com uma fome pantagruélica, escancarando as nossas fauces gargantuescas, vamos *papando* todos os ridículos, todas as mazelas da *Heroína de seios titânicos*, da *Princesa das Montanhas*, da *Pátria de Moema e Castro Alves*, da *Primogênita de Cabral*, da *Atenas Brasileira*.

Assim como *O Malho* martelava humoristicamente as matérias que apresentava em suas páginas, o *Papão*, Ogre risonho, se alimentaria com o que se passava ao seu redor ou mais longe.

O lápis de *Bailon*, isto é, Presciliano Silva, deixou dois retratos daquela figura pantagruélica. Um, na capa do primeiro número: volumoso e ventripotente personagem que, à maneira de breloque, pendurava na cadeia do relógio, um garfo, uma faca e uma taça. O outro, no número seguinte: o corpulento epônimo da revista se encaminha para abraçar o adiposo redator-chefe do *Diário de Notícias*, Virgílio de Lemos.

Humorística, alegrava a revista as suas páginas com uma galeria de caricaturas, como as de Severino Vieira, Arlindo Fragoso, Sílio Boccanera, Lulu Parola, Lopes Rodrigues e, mesmo, o diretor Simões Filho. Além de Presciliano Silva (*Bailon*), outros artistas traçavam esses retratos burlescos: Mário Bittencourt (*Amoir*), Pigeon, Honorato e outros.

Além de caricaturado, Severino Vieira é chamado de por seu apelido — *Espia Maré e Sivi*. E seu sucessor comparece com Zemar C. Lino. Completando as figurinhas engraçadas, ou funcionando isoladamente, havia também o texto humorístico, anedotas, críticas chistosas, boas troças. Boa parte do humorismo era escrita em versos. Seguindo as pegadas do *Malho*, a revista procurava, risonhamente, metamorfosear os acontecimentos.

Nem tudo, porém, era humorismo. Os desenhistas do *Papão* nem sempre caricaturavam. Com maior ou menor habilidade, deixaram uma coleção de figuras da época: Rui Barbosa, Francisco Mangabeira, Xavier Marques, o ex-Intendente Freire de Carvalho Filho, Girolamo Calenducci, desventurado tripulante do navio inglês *Arabistan*. E nem sempre foi humorística a sua literatura. A efêmera seção *Leitura para Senhoritas* apresentou um poemeto em prosa de Catulle Mendes, um trecho de Coelho Neto, outro de Silva Campos, páginas todas impregnadas de um erotismo mais ou menos velado. Em *Poetas e Escritores*, desfila uma série de intelectuais que já haviam chegado à maturidade e gozavam de maior ou menor notoriedade. Um artista da revista lhes traçava o retrato ou amável caricatura, servindo-lhes de pedestal um elogio versificado. Inaugurou a galeria o escritor Xavier Marques, de quem *Pigeon* desenhou um busto razoável e *Pantagruel*, num soneto chistoso, recenseou os livros:

XAVIER MARQUES

Temas, Variações e as Insulares,
Eis a bagagem inteira do poeta;
Como *conteur*, carreira, vida incompleta,
Simples Histórias fez bem regulares.

Com a *Família Baiana*, o romancista
Surgiu na arena, *Boto & C.*,
Holocausto, Praieiros, de valia,
Sagraram no romance o jornalista.

Com a *Pindorama*, alcançou um prêmio;
Na sua vida foi desde o prêmio
Um escritor mimoso e corretíssimo.

Feio de cara, lindo de talento,
Tem sofrido da crítica o engrossamento
E alguns beliscões de Zé Veríssimo (P, n.º 2).

Caricaturado cordialmente por *Pigeon*, Aloísio de Carvalho mereceu
gracioso *triolet* do mesmo poeta – *Pantagruel*:

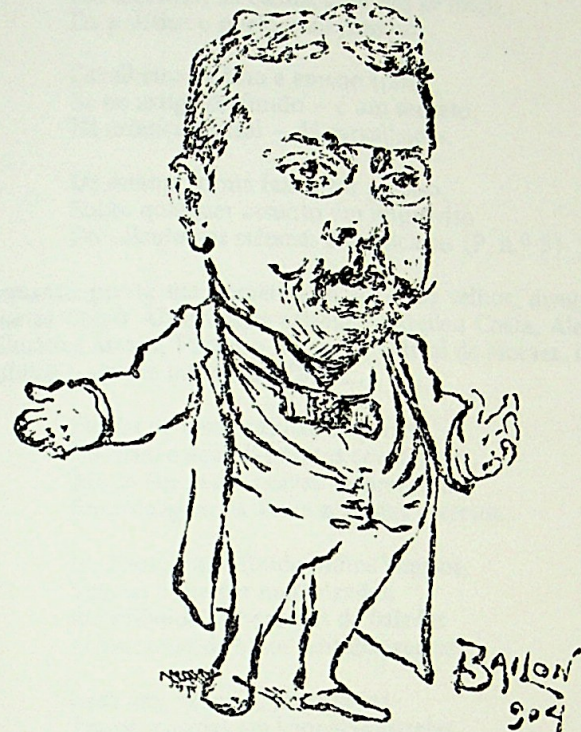
ALOÍSIO DE CARVALHO

Vai a vida distraíndo,
Sempre a rir, sempre a folgar,
Alegre, *cantando e rindo*,
No *triolet* se exibindo,
Afoga o negro pesar,
Vai a vida distraíndo,
Sempre a rir, sempre a folgar.

É o Horácio da troça,
O Homero da pilhéria,
Com ele não há quem possa!
É o Horácio da troça!
É inimigo do *engrossa*,
Nesta vida de miséria,
É o Horácio da troça.
O Homero da pilhéria.

Por isso o povo festeja
O grande Lulu Parola,
Em qualquer parte que esteja,
Por isso o povo festeja;
Quer *reze* de Amor na Igreja
Preces ou toque viola;
O povo aplaude e festeja
O grande *Lulu Parola* (P, n.º 3).

Quanto a Arlindo Fragoso, os versos ainda são de *Pantagruel*, mas a
caricatura, também simpática, foi traçada por *Bailon*.



Arlindo Fragoso – O Papão n.º 5

ARLINDO FRAGOSO

Este que aí está tão redondinho,
Tão pequenino e grosso
Como a mó do moinho,
É na tribuna um orador colosso!

Da oposição as armas exibindo,
Seu talento proteu encontra um gozo,
Em afrontar, na calma, com um *ar lindo*,
Da política o porto mais *fragoso*.

Cavalheiro de fino e ameno trato,
Se no artigo de fundo — é um sensato,
Na crônica teatral — dá gargalhadas.

Da mesma forma faz se for preciso,
Sobre qualquer assunto um improvisado
Do cálculo nas ciências complicadas (P, n.º 5)

Enquanto presta sua homenagem aos mais velhos, divulga versos de jovens poetas como Álvaro Reis (*Fabius*), Argileu Costa, Alexandre Fernandes, Euricles Matos, Filemon Menezes, Durval de Moraes. Desse último poeta, publica o soneto intitulado *Cirrus*...

Flocos de neve, rútilos, dispersos
No manto azul das noites consteladas,
São as almas das noivas desprezadas
Em romagem da Terra aos Céus diversos.

No Espaço indefinido, olhos imersos,
Vejo-as a divagar martirizadas,
Recordando as heroínas de baladas
A cantarem de amor sentidos versos.

Uma vez, absorto, julgo vê-las
Transformadas em límpidas estrelas,
Pontilhando de luz um sonho vago...

E depois, encarnadas em mulheres,
Palmilhando, entre auroras rosicleres,
O caminho estelar de Sant'Iago (P, n.º 3)

Não somente publicava poesias, mas ainda mantinha um escritório de crítica poética — o *Correio d'O Papão*... Averso aos devaneios simbolistas de Durval de Moraes, o *Papão* lhe dirigirá estas palavras:

Tenha paciência, meu caro, não podemos publicar um soneto que assim descreve a vida:

A vida é um vasto pantanal sem fundo,
Um tredo abismo onde rebentam flores
E vão, ao sol, em flavos esplendores,
Borboleteando as ilusões do mundo.

Entenderam? nem nós (P, n.º 4).

A outro correspondente se dirige nestes termos:

As suas endeixas, se não fossem as *flores brancas*,
poderiam sair publicadas, mas resolvemos mandá-las à fãr-
mácia mais próxima, a do Galdino (P, n.º 4).

É de lembrar que a Farmácia e Drogaria Galdino, citada jocosamente pelo crítico, pertencia ao pai do jovem diretor Simões.

Outras seções ocupavam as páginas da revista: a crítica teatral, assinada por *Dumas Neto*; as charadas, sob a responsabilidade de *Nostradamus*; a coluna esportiva, saturada de termos ingleses e que, um tanto solenemente, narrava partidas de futebol.

Estampavam ainda o *Papão* partituras de várias músicas: *Buscando Amores*, pas-de-quatre, de Mário Silva; *Trazendo Flores*, valsa para piano, dedicada a E. Simões e M. Silva, por A. Seixas; *Dobrado Audiface*, por Miguel H. do Carmo; *Oh! Não me iludas*, valsa para piano, por Marcelino Ferreira.

Conforme fora anunciado, o *Papão* devia ser não somente uma revista humorística, mas ainda artística e literária.



Ao FRANCISCO MANGABEIRA

Muita saudades do *Papão*.

CAPÍTULO IV

ALGUNS EPISÓDIOS

Nem tudo o que ocorria na cidade ou alhures repercutia com o mesmo interesse ou intensidade nas páginas da revista. Com maiores ou menores detalhes serão evocados alguns fatos, interpretados ou digeridos, a seu modo, pelo *Papão*.

1. POSIÇÃO POLÍTICA

O *Papão* não pertencia às hostes severinistas. A capa do segundo número da revista exhibe uma caricatura de Severino Vieira: tendo à cabeça um chapéu feito com um caderno de seu jornal, o *Diário da Bahia*, dedilha, derreado para trás, as cordas de um cavaquinho. No mesmo número, comenta a revista estes versos de Lulu Parola sobre a sucessão daquele político no governo do Estado:

A balança política e a eleição realizada hoje para governador deste Estado.

Numa concha que desce o... Severino;
Tem, porém, duas conchas a balança...
Vai na concha que sobe... o Marcelino
Simples questão de rima essa mudança (JN, 28/01/904).

Recorrendo às leis da física, contradiz o *Papão* os versos do apreciado poeta humorista:

POESIA E CIÊNCIA

Comentário à quadra de Lulu Parola sobre a balança política.

O poeta, metendo na rima a sua experiência de crítico que, a rir e a cantar, observa o mundo, declarou que o senhor de Marcelino, crescendo em peso, sobe na balança política, e que o senhor de Severino, por mais leve, agora está descendo e, ainda descera.

A física, neste assunto de gravidade, ensina o contrário: o mais pesado tomba e o mais leve voa.

O senhor de Marcelino, desde 28, está caindo no palácio da Vitória, onde chegará em maio. E o senhor de Severino, é a verdade, está voando (P, n.º 2).

E, logo no primeiro número, em que é chamado por seu malicioso apelido – *Espia Maré*, mereceu Severino esta quadra:

Não nos deixa o Sivi saudades
Quando o governo deixar,
Pois com a sua saída,
Há de Chacabuco estourar.

O silêncio com que, em virtude dessas alfinetadas, o jornal de Severino Vieira passou a envolver o *Papão*, levou a revista a fazer este registro:

Os nossos colegas do *Diário da Bahia*, pelo simples motivo da INOFENSIVA TROÇA com o seu ilustre chefe, o Dom Severo, não dizem nem patavina do nosso *Papão* (P, n.º 4).

O *Papão* ripostava até ao silêncio.

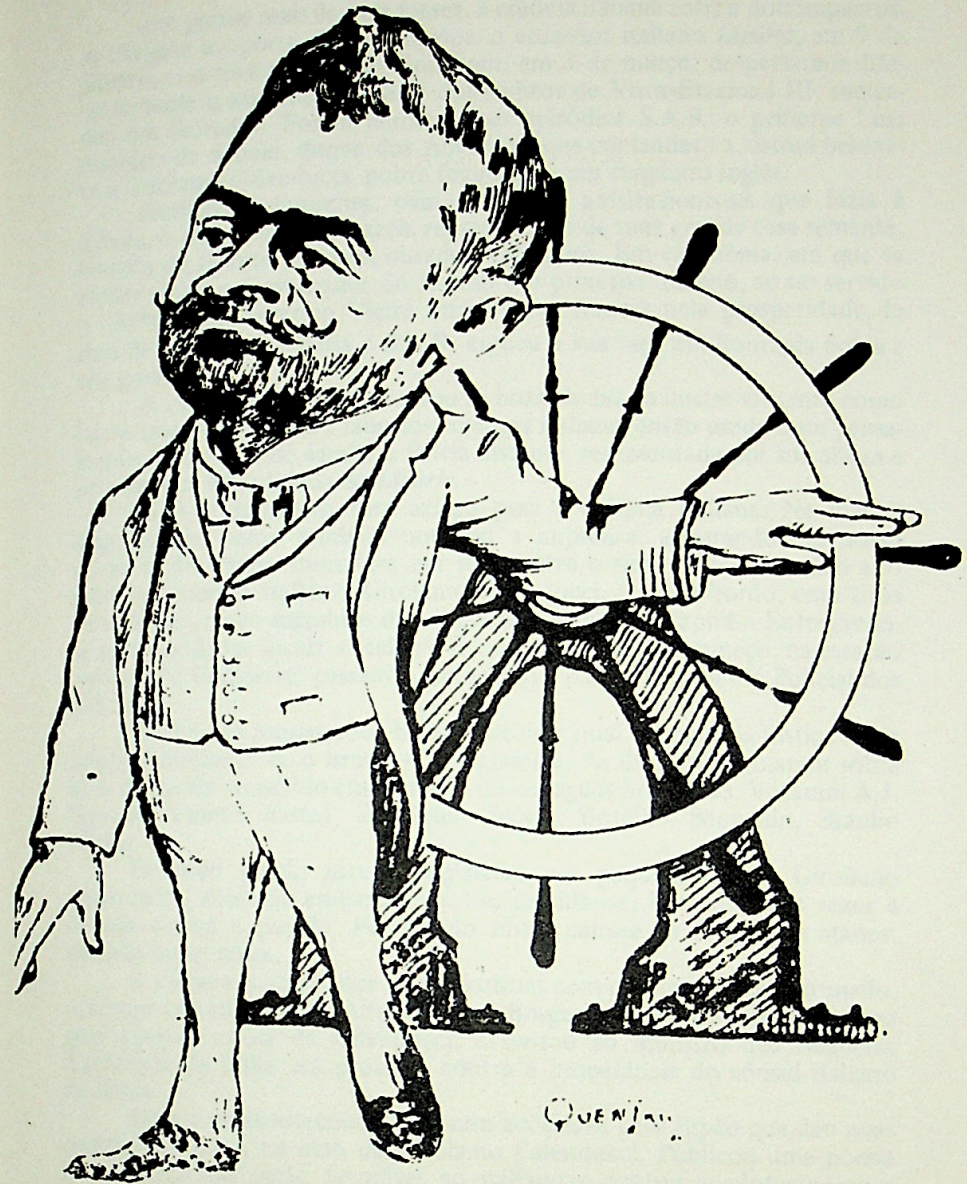
2. DISSENÇÕES FRANCISCANAS

Consigna o *Papão* velhas e superadas dissensões que, no começo do século, irromperam entre a Ordem Terceira de S. Francisco e o Guardiã do Convento. A primeira charge da revista se prende a esse *affaire*. É um tanto enigmática para o leitor de hoje. Nela, o Pai Seráfico é enxotado por um braço que sai de uma porta, parede ou hábito, em que estão desenhadas as armas franciscanas: a figura afugentada são os religiosos e o braço, a Ordem Terceira.

Páginas adiante, vem chave da charge daqueles tempos, e charada para os nossos dias:

Está na ordem do dia a questão franciscana. Os frades não querem maçons, bicheiros, protestantes, espíritas, estelionatários, o diabo enfim, na congregação de nosso Serafim Padre S. Francisco, por cujo motivo se declararam em *greve*. Os Irmãos Terceiros não estão por....., pelo que estamos vendo que, desta maneira recorrerão às *armas* de S. Francisco (P, n.º 1).

O assunto, que o *Papão* aflora a seu modo, veio à tona na imprensa, cada lado expondo as suas razões. O motivo da polêmica foi a proposta de reforma do estatuto apresentada pelo reverendo Guardiã do Convento. A uma das reuniões dos Terceiros compareceu Frei Eduardo, o santo bispo de Ilhéus e autor do antigo *best-seller* de literatura espiritual, atualmente desativado e desaparecido, o *Adoremus*.



Severino Vieira – O *Papão* n.º 1

3. VENTURAS E DESVENTURAS DA COLÔNIA ITALIANA

Em pouco mais de dois meses, a colônia italiana sofreu dois impactos. A chegada ao porto de dois navios, o cruzador italiano *Ligúria*, em 9 de janeiro, e o mercante inglês *Arabistan*, em 3 de março, despertaram diferentemente o sentimento pátrio dos súditos de Vitor-Emanuel III, radicados em Salvador. Foram heróis desses episódios S.A.R. o príncipe Luís Amedeo de Saboia, duque dos Abruzzos, que comandava a vistosa belonave e Girolamo Calenducci, pobre foguista de um cargueiro inglês.

Noticiou a imprensa, com destaque, a visita honrosa que fazia à cidade, o duque dos Abruzzos, representante de uma grande casa reinante, homem de talento, energia, ousado explorador. Em cerimônia, em que se encontraram o Governador do Estado e o príncipe italiano, ao ser servido o *champagne*, Severino Vieira brindou em francês pela prosperidade da casa de Savoia e da Itália e S.A.R. ergueu a sua taça em honra da Bahia e seu governo.

A imprensa tanto apresentou as boas vindas ao ilustre visitante como cumprimentou a digna e laboriosa colônia italiana, então unida num pensamento único — o de saudar a Pátria distante, representada por sua alteza e pela heróica oficialidade do *Ligúria*.

Já o 3 de março fora aziago para a colônia italiana. Na manhã daquele dia, como também noticiou a imprensa, ancorando em nosso porto o *Arabistan*, tremulava em seu mastro o sinal de *socorro*. Em alto mar, um marujo italiano, Girolamo Calenducci, ferira a bordo, com tiros de revólver, cinco membros da tripulação, inclusive o capitão. Entregando-se às autoridades locais, o italiano ficou encarcerado, a começo, na estação policial do Comércio, passando, em seguida, para o Regimento Policial dos Aflitos.

Coube aos magistrados baianos decidir qual o país cuja justiça devia julgar Calenducci, se o Brasil, se a Inglaterra. As discussões rolaram sobre se o delito foi cometido em mar alto ou em águas brasileiras. Votaram A.J. Spínola, Filinto Bastos, Eustáquio Seixas, Botelho Benjamin, Bráulio Xavier.

Devendo partir para a Inglaterra, no paquete *Clyde*, Girolamo Calenducci, antes de embarcar, tentou suicidar-se, batendo duas vezes a cabeça contra a parede. Foi levado numa camisa de força, pés atados, deitado numa maca.

A colônia italiana, que se solidarizara com o patricio desafortunado, ofereceu um anel ao Dr. Alfredo Diniz Borges, pelo modo generoso como patrocinou a causa de Calenducci, e enviou ao Ministro dos Negócios Exteriores da Itália um protesto contra a inoperância do cônsul italiano na Bahia.

Ambos os acontecimentos foram acolhidos pelo *Papão* que deu mais destaque, porém, ao caso de Girolamo Calenducci. Publicou uma poesia humorística um tanto favorável ao italiano e contou anedotas como a seguinte:

A propósito do conflito do *Arabistan*.

— Então, o capitão do vapor, além de gravemente ferido foi rebaixado!

- Como?
- Passando a ser piloto.
- ??!!
- Pois na luta não ficou sem um olho?! (P, n.º 5).

Mas o assunto foi também registrado com seriedade. Estampou a revista um retrato de Calenducci, traçado por Presciliano Silva e criticou a conduta do cônsul italiano em face da questão:

(...) Que o infeliz Girolamo fosse julgado pelo tribunal A, B ou C, não vem mais ao caso nem queremos discutirlo, mas, — atentem bem — se tantas dúvidas se agitaram sobre o tribunal que devia julgar o criminoso; se houve, a respeito, duas correntes de opiniões tão distintas, é claro como o polvilho, que o sr. cônsul deveria, pelo menos, se filiar à corrente A ou à corrente B, antes que seu desgraçado patrício fosse acorrentado para a Inglaterra... (P, n.º 6).

4. ENTRE PETHION DE VILLAR E SÍLIO BOCCANERA

O *Papão* se envolveu na contenda em que se defrontaram Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar) e Sílio Boccanera.

Percebe-se que a revista pendia mais para Egas Moniz Barreto de Aragão. Lê-se, numa poesia de *Punck*: "Bom poeta é Pethion" (P, n.º 6). E o ilustre escritor foi incluído na galeria de *Poetas e Escritores*. Quanto a Sílio Boccanera, é notória a malquerença do *Papão*.

O móvel ou gota d'água foi a biografia da atriz e pianista Luísa Leonardo, publicada pela *Revista do Grêmio Literário*, em dezembro de 1903. O texto foi escrito por Sílio Boccanera que, há pouco, se casara com a biografada. Por causa daquelas páginas, o Grêmio Literário e sua revista entram em crise, ocupando a polêmica as páginas dos jornais. Sílio Boccanera que era redator-chefe da revista foi substituído por Pethion de Villar.

Tomando também posição contra Sílio Boccanera, o *Papão* ridiculariza a malfadada biografia:

SEM FIO.....NEM PAVIO

TELEGRAMAS

Papão — Bahia, — Paris, 21-1
Imenso sucesso revista *Grêmio*. Desejo geral aplaudir inimitável artista, atriz, pianista, poetisa e oradora.
Piza, ministro do Brasil.

Estocolmo, 21.
Parabéns Grêmio. Justiça tarda, porém chega. — Ibsen.

Roma, 20.
L'amor proprio non m'impedisce de batter pei mani,
all'immortale rivale. — Duse.

Paris, 20.

Même amoiendrie, je veux embrasser la grande actrice.
— Sarah... (P, n.º 1).

Com o mesmo teor, são publicados vários cartões postais também supostamente endereçados por personalidades:

(...) Rio, 19.

Felicito *Grêmio* sucesso imenso ano III n. Revista.
Peça assinatura 2 anos. Quero saborear continuação biografia até fim — Rui.

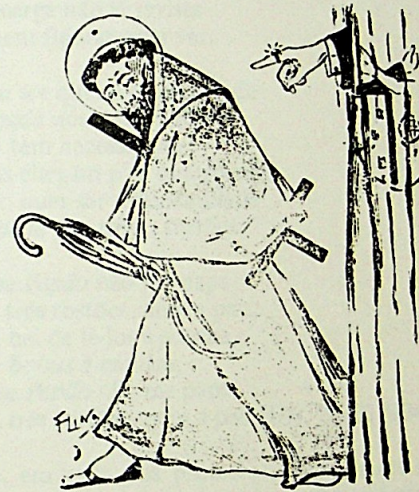
Lisboa, 22.

Sua Majestada El Rei manda felicitar grande e immurtale artista, mumentos flizeu purpucionados vida Augusto Pai. Riveija lhe mãos nome Chupin. Segue caixa finioti-Forte. Presidente Conselho (Ib.)

E aqui e ali, a biografia vai recebendo alfinetadas do *Papão*.

Havendo a nova redação da *Revista do Grêmio Literário*, declarado, entre outras coisas, que a biografia em questão era "uma descompassada pirâmide de inverdades", defendeu-se Sílio Boccanera, assestando suas baterias diretamente contra Pethion de Villar (DN, 2-04-904). A parte mais picante de seu arrazoado é quando lembra que se ele escreveu a biografia de Luísa Leonardo, Pethion de Villar, na mesma revista, houvera escrito a sua auto-biografia, da qual são pinçados, ironicamente, alguns trechos.

O *Papão*, que troçara a mais não poder da biografia, glosará também essa defesa.



Dissenções Franciscanas — O Papão, n.º 1

CONCLUSÃO

Trezentos réis foi o preço do primeiro número do *Papão*. Muito caro, julgou *Jicélio d'Alva* (Costa e Silva) em sua seção — *Troças e coças*:

Saudação ao "Papão", a quem Deus guarde por toda vida, para consolo dos tristes.

*Níquel e meio! Não cola.
Trezentos réis o Papão!
Sou contra o Club do Esfola.
Tire-se fora a fração.
Níquel e meio! Não cola.
Trezentos réis o Papão!*

*Zé-carga não lê revista
E nem figuras quer ver.
Vai, pois o Papão pra lista
Dos que nascem p'ra morrer.
Zé-carga não lê revista
E nem figuras quer ver.*

*Não ser quer a humanidade
Papada nos três tostões.
Ela tem necessidade
Pois chegam p'ra quatro pães.
Não quer ser a humanidade
Papada nos três... tostões.*

*Esse Papão não me papa
Os três tostões, nem a pau;
Eu hei de lê-los à socapa,
De bobus a nicolau.
Esse Papão não me papa
Os três tostões, nem a pau (DN, 25/01/904).*

Certamente, em vista dos protestos, os números seguintes custarão 200 réis. Esse contratempo inicial deverá ter abalado um pouco o planejamento do *Papão*.

Desejava certamente o fundador uma longa vida para a sua revista. Disposição e imaginação não lhe faltavam. Anunciou pela imprensa o surgimento do *Papão*, fez colar cartazes, programou uma distribuição motorizada. De propriedade paterna, a Drograria e Farmácia Galdino contribuiria, sem dúvida, com algo mais do que o simples preço de seus anúncios na revista. Mas os anúncios deveriam ser uma grande fonte de renda. Daí este conselho amigo:

Lucrareis muito, anunciando na nossa revista, pela grande circulação que ela tem nesta capital e em todo o centro do Estado (P, n.º 3).

A redação procurava vendedores. A *Casa Filatélica*, que distribuía *O Malho*; também vendia *O Papão*. Havia agentes e representantes no interior. Mas já surgiam alguns sinais inquietadores. *O Papão* mudou de endereço. A partir do número 4, deixou a bela Rua Chile, para agasalhar-se à sombra paterna, bem junto à Farmácia e Drograria Galdino, na Rua dos Droguistas. Mas Ernesto Simões Filho e Mario Imbassahy da Silva não se intimidam. Viajam para conseguir representantes e fundar agências. O primeiro pega o trem e vai até Juazeiro. O segundo vai até Canavieiras, de navio. Mas no número 7, lemos estas linhas:

Tendo o sr. Afonso Shaw da Mota e Silva feito aquisição da empresa *O Papão*, levamos ao conhecimento do público que, com o mesmo, serão tratados todos os negócios relativos a esta empresa, nenhuma ingerência tendo, quer na parte financeira, quer na parte literária, o sr. Ernesto Simões Filho.

Noutras mãos, a revista pareceu progredir, pois se tornou um semanário e dispôs mesmo de um telefone. Mas foi deixando de ser artística e literária para tornar-se quase somente humorística. E desaparecerá ainda em 1904.

Jovem audacioso, a aventura do *Papão* não foi para Simões Filho um desastre de Ícaro. Haveria de partir para outros vãos. Propiciou-lhe a revista um aprendizado e um encontro ou aproximação com várias figuras com as quais haveria de contracenar em sua carreira jornalística e política, às vezes, no mesmo campo, outras vezes, em campos opostos: Rui Barbosa, Severino Vieira, José Marcelino, Seabra, Arlindo Fragoso, Aloísio de Carvalho, Virgílio de Lemos, Henrique Cândia e tantos outros.

Daquela romanesca aventura jornalística, emerge a figura do jovem Simões que, na inauguração de sua efêmera revista, agradece aos convidados presentes, dando viva à imprensa baiana.

COLOFÃO

Esta publicação do Centro de Estudos Baianos da UFBA., conta com o apoio de BARRETO DE ARAÚJO PRODUTOS DE CACAU S.A. e FUNDAÇÃO JOAQUIM BARRETO DE ARAÚJO, sendo composta e impressa nas oficinas das Artes Gráficas Indústria Ltda., à Avenida Barros Reis, 146, Salvador - Bahia, em outubro de 1986, no transcurso do CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE SIMÕES FILHO — 1886/1986, com texto de Cláudio de Andrade Veiga, Presidente da Academia de Letras da Bahia e apresentação do Prof. Fernando da Rocha Peres, Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA., com supervisão para as Artes Gráficas de Abílio Cândido de Jesus e Antonio Lobo, e coordenação de Carlos Cunha.

AGRADECIMENTO ESPECIAL AO
HÉLIO VIEIRA SANT'ANNA
PROPRIETÁRIO DA
ARTES GRÁFICAS E INDÚSTRIA
LTDA PELO ESMERO DESTA
EDIÇÃO

CONTENTS

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY NATHANIEL BENTLEY
VOLUME I
CONTAINING THE HISTORY
FROM 1630 TO 1700
PUBLISHED BY
J. B. BENTLEY
1856

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON
FROM THE FIRST SETTLEMENT
TO THE PRESENT TIME
BY NATHANIEL BENTLEY
VOLUME II
CONTAINING THE HISTORY
FROM 1700 TO 1856
PUBLISHED BY
J. B. BENTLEY
1856



APOIO CULTURAL

BARRETO DE ARAÚJO PRODUTOS DE CACAU S.A.

E

FUNDAÇÃO JOAQUIM BARRETO DE ARAÚJO